

**A EXPRESSÃO DA DÚVIDA NO VERNÁCULO DA CIDADE DO MÉXICO:
UMA TENDÊNCIA À MUDANÇA¹.**

Júlio César Lima Moreira²
Hebe Macedo de Carvalho³

1. Introdução

Expomos neste artigo nossos resultados da pesquisa de dissertação de mestrado que versa sobre a variação subjuntivo/indicativo em orações dubitativas. A expressão das noções de dúvida e incerteza em língua espanhola geralmente é identificada com a presença dos advérbios e locuções adverbiais de dúvida. Ademais, segundo a tradição gramatical espanhola, as noções de dúvida, incerteza, hipótese e etc. são codificados especialmente pelas formas verbais do subjuntivo. No entanto, nessas construções se prevê tanto que há advérbios que selecionam preferentemente o subjuntivo (*probablemente, posiblemente, tal vez, quizá(s)*) como outros que selecionam o indicativo (*a lo mejor e seguramente*).

A partir da observação no vernáculo da Cidade do México do fenômeno variável de alternância subjuntivo/indicativo em orações independentes sob escopo de advérbios de dúvida, que atuam como modalizadores epistêmicos, nos propusemos a descrever e analisar esse fenômeno de variação.

Seguindo os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista e alguns conceitos do Funcionalismo Linguístico, tratamos de mapear padrões de uso, os fatores condicionadores linguísticos e extralinguísticos com vistas a identificar se há um cenário de uma possível mudança em progresso ou de variação estável da variável em foco na comunidade de fala em questão.

2. A variável linguística: alternância subjuntivo/indicativo

O fenômeno variável em foco corresponde à alternância das variantes modos verbais subjuntivo e indicativo na expressão da dúvida em orações independentes modalizadas pelos seguintes advérbios e locuções adverbiais de dúvida: *a lo mejor, seguramente, tal vez, quizá(s), probablemente e posiblemente*. Consideramos o indicativo como a forma inovadora, com exceção quando junto a *a lo mejor* e a *seguramente*, e que viria ganhando espaço e substituindo o subjuntivo no contexto cujo uso seria considerado favorecedor de subjuntivo. Propusemos em Moreira (2014), a partir das hipóteses específicas levantadas, alguns grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos para medir a sua atuação na variável. Veremos, a seguir, a fundamentação das variáveis independentes tomadas a princípio como mais relevantes, ou seja, os grupos de fatores condicionadores que, por hipótese, atuariam sobre a variável dependente.

3. Hipóteses

Nossa hipótese básica propõe que na comunidade em foco há um cenário de mudança em progresso quanto à variável supracitada em orações independentes dubitativas onde as formas de indicativo estariam substituindo as de subjuntivo nos contextos previstos tradicionalmente de realização desse. A partir da hipótese básica, problematizamos os possíveis fatores condicionadores do fenômeno, que desse modo integram o envelope de variação⁴.

Destacamos a seguir as principais hipóteses específicas norteadoras da pesquisa e às quais correspondem as variáveis independentes:

i) Questionamos inicialmente se a escolha das formas verbais indicativas ou subjuntivas se relacionaria a um grau escalar de maior ou menor certeza epistêmica na oração, em outras palavras, se as formas verbais indicativas ou subjuntivas seriam selecionadas em relação ao grau de certeza subjacente à proposição e apreensível no contexto discursivo.

Com isso, chegamos à hipótese de que a modalidade epistêmica *irrealis*, inerentemente subjacente às orações declarativas com modalizadores de dúvida (GIVÓN, 1995), abriga graus de certeza epistêmica dispostas em um **continuum**⁵ sobre o *dictum*. Desse modo, concebendo o componente pragmático na gramática da língua, supomos que a escolha do falante por formas verbais indicativas ou subjuntivas relaciona-se a um grau escalar de maior ou menor certeza epistêmica, com vistas a cumprir dado propósito comunicativo, de acordo com o contexto situacional. Para isso, o falante se vale de estratégias discursivas, por exemplo, a seleção de modalizadores epistêmicos, atribuindo em enunciados dubitativos⁶ sentidos diferentes aos significados prototipicamente veiculados pelos modos verbais e modalizadores epistêmicos.

Supomos que o falante, embora possua conhecimento e certeza sobre o *dictum*⁷, constrói um enunciado imprimindo uma modalização expressa pela presença do advérbio de dúvida que serviria como atenuante sobre o *dictum*, distanciando-o da responsabilidade da mensagem ou como estratégia de modéstia sobre o dito na proposição ou uma estratégia de polidez discursiva (BROWN; LEVINSON, 1987).

ii) Nosso segundo questionamento reflete sobre em que medida os advérbios e locuções adverbiais dubitativas do espanhol (*tal vez, a lo mejor, quizá(s), posiblemente, probablemente* e *seguramente*) favoreceriam a alternância subjuntivo/indicativo em orações não-subordinadas. Com isso, estabelecemos a hipótese de que uns favoreceriam mais o subjuntivo, outros o indicativo e outros a alternância subjuntivo/indicativo. Consideramos que *seguramente* e *a lo mejor* favoreceriam o indicativo e de que o *tal vez* seria o maior favorecedor do subjuntivo. Cremos que dentro do paradigma dos advérbios de dúvida e incerteza, há aqueles prototipicamente especializados para expressar incerteza e outros que expressam mais certeza nesse *continuum* da modalidade *irrealis*. Kovacci (1986 *apud* CHUECA, 2005) partilha dessa perspectiva. Sendo assim, essas formas, *seguramente* e *a lo mejor*, formas associadas ao indicativo, carregariam resquícios de sua forma-fonte e com isso manteriam maior correlação semântica com mais certeza e, conseqüentemente, selecionariam em maior medida o indicativo.

iii) Nossa terceira indagação consiste em se fazer julgamentos sobre ações passadas, experienciadas, concluídas, em andamento ou habituais bem

como julgamentos efetivados no presente, ou seja, factuais, seriam favoráveis, assim, a um grau de maior certeza epistêmica do falante e, conseqüentemente, ao uso do indicativo, mesmo em sentenças com operadores modais epistêmicos de dúvida. E, por outro lado, se as proposições com referência futura, sem aspecto de ação concluída ou proposições cujo julgamento esteja ancorado em um plano não-factual, em uma realidade hipotética paralela ou potencial, favoreceriam o subjuntivo.

Partindo da perspectiva da modalidade inserida e interrelacionada no complexo categorial TAM(+R) (GIVÓN, 1984; COAN, 2003) (tempo, aspecto, modalidade e referência), supomos que o tempo e o aspecto do evento sobre o qual se ancora o julgamento epistêmico interferem no julgamento epistêmico do falante e, conseqüentemente, condicionam a seleção das formas verbais em orações dubitativas.

Passamos às hipóteses referentes a fatores sociais.

iv) Inicialmente nos indagamos sobre a validade da suposição generalizada de que falantes com menos escolaridade tendem a usar menos as formas subjuntivas por serem mais complexas estruturalmente, ou seja, por serem formas gramaticais de uso preferencial em orações complexas, subordinadas, portanto com exigências sintáticas mais específicas de uso e por serem, supostamente, adquiridas principalmente no âmbito de aprendizagem formal.

Quanto a isso, supomos que o subjuntivo, por ser um paradigma mais complexo estruturalmente, é geralmente aprendido e assimilado em maior medida por falantes que frequentam contextos de educação formal⁸. Portanto, cremos que no *corpus* de língua falada analisado, uma menor escolaridade demonstrará desfavorecimento ao uso do subjuntivo.

v) Finalmente, quanto ao grupo de fatores extralinguístico **faixa etária**, nos questionamos inicialmente com respeito a esse grupo, dada a tradição na literatura sociolinguística considerá-lo relevante, se realmente se observará uma manutenção do uso pelos mais velhos da variante conservadora, as formas subjuntivas, e se a variante inovadora, as formas do indicativo, seria mais privilegiada pelos mais jovens, denotando assim uma tendência à mudança linguística.

Tomamos por hipótese que há essa tendência nos dados do espanhol falado na Cidade do México, que consiste em dizer que nos contextos em orações declarativas independentes sob escopo de advérbios e locuções adverbiais dubitativos, há uma frequência mais elevada de uso do indicativo (variante inovadora) de que do subjuntivo (variante prototípica, considerada a padrão) nas faixas etárias dos jovens e dos adultos do que entre os mais velhos, sinalizando, assim, o cenário de uma possível *mudança em progresso*.

Passamos a seguir aos procedimentos metodológicos realizados.

4. A seleção da amostra

Em se tratando de pesquisa de enfoque sociolinguista, é imprescindível para o estudo da variação contar com uma amostra representativa da comunidade de fala, bem como definir o perfil dos informantes e quais os grupos de fatores sociais relevantes. Trabalhamos com uma amostra do espanhol contemporâneo falado da Cidade do México, coletada do banco de

dados do *Laboratorio de Estudios Fónicos del Colegio de México* (LEF-CM)⁹, uma vez que encontramos no LEF-CM resposta a nossa aspiração de conseguir um *corpus* que atendesse aos moldes labovianos e com riqueza de informações e criteriosa estratificação dos dados, um trabalho bem significativo. Nele se trabalha dentro de uma perspectiva maior, a do PRESEEA¹⁰, a de criar um grande atlas, podemos assim dizer, com amostras de fala de todos os países hispânicos considerando aspectos sociais dos informantes.

Alguns dados foram coletados em fins da década de 90 do século passado, e a imensa maioria da primeira década do século XXI, provenientes de entrevistas de caráter semi-espontâneo. Os informantes foram entrevistados em seus ambientes ordinários de trabalho ou residencial, tratando de temas que evocassem experiências vividas, de modo a se expressarem mais espontaneamente em forma de narrativa e com pouca intervenção do entrevistador. Ilustramos a seguir a estratificação dos informantes:

Quadro 1 – Estratificação dos informantes por sexo, idade e escolaridade.

SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE
Masculino (36)	20 – 34 (12)	Médio (6) Superior (6)
	35 – 54 (12)	Médio (6) Superior (6)
	55 - + (12)	Médio (6) Superior (6)
	20 – 34 (12)	Médio (6) Superior (6)
	35 – 54 (12)	Médio (6) Superior (6)
	55 - + (12)	Médio (6) Superior (6)
Feminino (36)	20 – 34 (12)	Médio (6) Superior (6)
	35 – 54 (12)	Médio (6) Superior (6)
	55 - + (12)	Médio (6) Superior (6)
TOTAL		72

Fonte: Moreira (2014, p.94)

Conforme se ilustra no quadro acima, foram considerados, para efeito de análise dos dados, 72 informantes, estratificados em sexo (36 homens e 36 mulheres), três faixas etárias (12 informantes por faixa) e anos de escolaridade (distribuídos por Ensino Médio e Ensino Superior)

5. Resultados e discussão dos dados

Destacamos, à continuação, os grupos de fatores selecionados como relevantes na variável, em função da variante subjuntivo, pelo programa estatístico Goldvarb X e fazemos alguns comentários que julgamos relevantes.

5.1 Grupos de fatores selecionados

Os grupos de fatores linguísticos selecionados com relevante atuação na variável foram *item dubitativo* e *tempos verbais em alternância*. Temos a seguir os resultados para o grupo de fatores *item dubitativo*.

Tabela 1 – Atuação do *item dubitativo* no uso do subjuntivo.

significância: 0.00

Item dubitativo	Ocorrências de subjuntivo	Total	%	P.R
Expectativa de uso do indicativo				
<i>a lo mejor</i>	12	163	7,4	0.31
Expectativa de uso do subjuntivo				
<i>quizá(s)</i>	7	24	29,2	0.92
<i>tal vez</i>	3	13	23,1	0.80
Expectativa de uso: alternância subjuntivo/indicativo				
<i>Probablemente</i>	7	16	43,8	0.94
<i>Posiblemente</i>	1	3	33,3	0.90
TOTAL	30	219	-	-

Fonte: Moreira (2014, p. 143).

Pressupusemos que nestas orações dubitativas haveria um *continuum* do valor escalar de certeza epistêmica e que nos enunciados com valores de mais certeza teríamos, por hipótese, a prevalência dos advérbios *a lo mejor* e *seguramente*, atuando como índices de modalidade epistêmica de mais certeza, juntamente com a seleção da variante indicativo. Já para incerteza, o polo oposto, teríamos a prevalência do *tal vez* e *quizá(s)* e da conseqüente seleção da variante subjuntivo. Enfim, supomos que há uma especialização no paradigma dos modalizadores epistêmicos, advérbios de dúvida, consagrada e ratificada pelo uso.

Em consonância com essa expectativa, Chueca (2005) faz uma exposição abordando o uso dos advérbios modalizadores de dúvida, sua complexidade e sua má abordagem no ensino de E/LE. Nesse estudo, que segue uma perspectiva funcionalista, a autora assinala que Kovacci (1986 *apud* CHUECA, 2005) concebe esses advérbios como **índices de modalidade**, ou seja, seriam selecionados de acordo com o grau de certeza do falante e onde os advérbios *tal vez* e *quizá(s)* estariam no polo oposto a *a lo mejor* e *seguramente*:

Afirma Kovacci que existe uma gradação da expressão dubitativa entre a inclinação do falante para a afirmação da verdade do *dictum* e sua inclinação para a negação de dita verdade, de modo que isto explica porque este tipo de advérbio usa no primeiro caso o indicativo enquanto para a negação usam o subjuntivo. Esta é uma das possíveis interpretações que permitem explicar a oposição indicativo / subjuntivo com a que os advérbios *tal vez* e *quizás* lidam habitualmente no espanhol, frente à locução *a lo mejor*, a qual nunca rege o subjuntivo. (CHUECA, 2005, p. 4).

Nossos resultados, expostos na tabela acima, denotam que na comunidade de fala em questão os modalizadores *probablemente* e *quizá(s)* são

os maiores favorecedores das formas subjuntivas com peso relativo respectivamente de **.94** e **.92**. O *posiblemente* também foi selecionado embora possua poucos dados. Trazemos ocorrências com esses dois modalizadores selecionando o subjuntivo:

(1) [...] *pero otra de mis grandes pasiones ha sido la música. Quizá yo en el fondo SEA un músico frustrado...* [Inf. 17. Turno: 358].

(1) [...] mas outra de minhas grandes paixões foi a música. **Talvez** eu no fundo SEJA um músico frustrado... [Inf. 17. Turno: 358].

(2) ... *o sea sí me gustaba mucho. Me gustaba la cocina mucho. Si en mis tiempos hubiera existido, como actualmente la carrera de chef, probablemente HUBIERA ESTUDIADO eso.* [Inf. 35. Turno: 737].

(2) ... ou seja, sim eu gostava muito. Gostava da cozinha muito. Se em meus tempos tivesse existido, como atualmente a carreira de *chef*, **provavelmente** TIVESSE ESTUDADO isso.

Nossa expectativa era a de que o *talvez* e o *quizá(s)* fossem os maiores favorecedores. Tínhamos por hipótese que o *posiblemente* teria um peso maior que o *probablemente* no favorecimento do subjuntivo, uma vez que o possível é algo cogitado sem nenhuma ou pouquíssima evidencialidade, sem habitualidade, sem experiencialidade, sem um embasamento fiável que explique essa possibilidade. Ou seja, um evento futuro sem uma causalidade lógica fiável, um julgamento com pouca convicção. Já o provável segue uma lógica, há indícios contextuais que indicam uma maior chance de ocorrer, é algo habitual, julgamento com moderada convicção baseada na experiência. No entanto, ambos modalizadores se inserem no paradigma que codifica as noções de conjectura, suposição, hipótese, incerteza, o paradigma dos advérbios de dúvida que tradicionalmente codificam essas noções do domínio *irrealis* e acabam muitas vezes, por analogia, generalizando-se e competindo entre si. Ademais, atribuímos como explicação a esse peso relativo menor do *posiblemente* o seu baixo número de ocorrências. É importante que sejam consideradas mais ocorrências para nos certificarmos dessa tendência no vernáculo da Cidade do México.

Ademais, confirmou-se nossa expectativa inicial de que o *a lo mejor* seria contexto favorecedor do indicativo e inibidor do subjuntivo com peso de apenas **.31** em favor da variante subjuntivo. No entanto, vale ressaltar que esse modalizador é visto pela GT espanhola como contexto categórico do indicativo, algo que nossos dados desmistificam. A seguir os resultados para o grupo *tempos verbais em alternância*:

Tabela 2 – Atuação do grupo *tempos verbais em alternância* na variável.

significância: 0.000

Tempos verbais em alternância	Ocorrências subj..vo	Total	%	P.R.
GRUPO A				
<i>Pres. Ind. / Pres. Subj.</i>	14	129	10,8	0.40
GRUPO B				
<i>Pret. Imp. Ind. / Pret. Imp.</i>	4	39	10,3	0.38

Subj..	GRUPO D			
Pluscuamperfecto Subj. / Pluscuamperfecto Ind.	12	13	92,3	0.99
Total	30	189	-	-

Fonte: Moreira (2014, p. 154).

Passamos à análise dos resultados da variável *tempos verbais em alternância*, também selecionada pelo programa estatístico GOLDVARB X.

O grupo A de alternância (*presente de indicativo / presente de subjuntivo*), que codifica os valores de futuridade e de presente (aspecto simultâneo e de habitualidade), mostrou-se desfavorável à variante subjuntivo com peso relativo favorecedor do subjuntivo de **0.40**. Trazemos uma ocorrência, destacando entre parênteses a forma concorrente:

(3) [...] *pero otra de mis grandes pasiones ha sido la música. Quizá yo en el fondo SEA (SOY) un músico frustrado...* [Inf. 17. Turno.358].

(3) [...] *mas outra de minhas grandes paixões foi a música. Talvez eu, no fundo SEJA (SOU) um músico frustrado.*

O resultado apresentado pelo grupo B (*pretérito imperfecto de indicativo e de subjuntivo*) é um peso relativo de **0.38** da variante subjuntivo, logo, também mostra-se desfavorável a essa variante e favorável ao uso do indicativo. Esse grupo codifica, prototipicamente, o valor de um passado imperfectivo, no entanto, também codifica o valor de um evento potencial no passado ou no presente, geralmente dependente de uma condição. Temos o seguinte exemplo:

(4) *Me pedía cuánto? Cien libras egipcias por la pieza que en pesos, pues no sé, quizá FUERAN (ERAN)... pues no sé.* [Inf.28 Turno: 211].

(4) *Me pedia quanto? Cem libras egípcias pela peça que em pesos, huumm, não sei, talvez FOSSEM (ERAM)... bem, não sei.*

Passamos ao grupo C de alternância (*pretérito indefinido, pretérito perfecto de indicativo e pretérito perfecto de subjuntivo*). Em nossa amostra todos os dados desse grupo, que codifica julgamentos ancorados em eventos perfectivos no passado, ocorreram no indicativo (por isso não estão na tabela acima por se mostrar contexto categórico dessa variante), confirmando-se nossa hipótese, bem como a de trabalhos como o de DeMello (1995), Anadón (1979) e Woerh (1972) que também trabalharam a variável em foco em enunciados dubitativos. Vejamos esse exemplo:

(5) *hey, entonces digo como que HAYAN TRAÍDO (HAN TRAÍDO/ TRAJERON) quizás otro tipo de cosas, tal vez sí ¿no? Como, digamos, falluca* [Inf. 52. Turno: 216].

(5) *ei, então digo como que TENHAM TRAZIDO (TROUXERAM) talvez outro tipo de coisas, talvez sim, não é? Como, digamos, "muamba".*

Por sua vez, o *grupo D* de alternância (*pretérito pluscuamperfecto de indicativo e de subjuntivo*) é contexto praticamente categórico do subjuntivo com peso relativo favorecedor do subjuntivo de **0.99**. Esse grupo codifica: *i*) valor aspecto-temporal de um evento supostamente realizado anterior a outro na linha de tempo factual; e *ii*) um evento potencial perfectivo projetado numa realidade paralela associado a outro evento perfectivo (geralmente uma condição hipotética), ambos no passado, e toma como referência o eixo factual e se põe como anterior a este, simulando substituí-lo. A grande maioria dos dados aparece com o segundo valor em nosso *corpus*. Vejamos esses exemplos **(6)** com o valor decrito em *i*) e **(7)** decrito em *ii*):

(6) [...] entonces **a lo mejor** ya lo HABIÁMOS HECHO (HUBIÉSEMOS HECHO) [Inf. 56. Turno: 347].

(6) [...] então **provavelmente** já o TÍNHAMOS FEITO (TIVÉSSEMOS FEITO).

(7) ... pero él sí sabe hablar el inglés bien, y este, y el español también, y tam... Mi hija no sabe el inglés porque no ha querido estudiarlo porque es muy floja, por eso no estudió lo de la carrera de secretaria ejecutiva bilingüe. Si no ella, **a lo mejor** ni se HUBIERAN IDO para Estados Unidos, pero ellos se fueron de aquí porque no tenían trabajo[...] Sí tenían trabajo, pero ganaban muy poco[...] [Inf. 64. Turno: 868].

(7) ... mas ele sim sabe falar o inglês bem, e isso, e o espanhol também, e tam... Minha filha não sabe o inglês porque não quis estudá-lo porque é muito folgada, por isso não estudou a carreira de secretaria executiva bilíngue. Se não ela, **provavelmente** nem TIVESSEM IDO para os Estados Unidos, mas eles se foram daqui porque não tinham trabalho [...] Sim tinham trabalho, mas ganhavam muito pouco.

Seguindo uma abordagem variacionista observamos claramente que os tempos verbais de subjuntivo se alternam com formas do indicativo, veiculando o mesmo significado referencial e que há, com exceção do *pluscuamperfecto*, prevalectimento da forma de indicativo. Portanto, o *pluscuamperfecto de subjuntivo* demonstra estar altamente enraizado para representar os valores aspecto-tempo-modais codificados pelo *grupo D*, inibindo a interferência do *pluscuamperfecto de indicativo*.

Em linhas gerais, no presente estudo, o subjuntivo mostrou-se favorecido especificamente em orações ancoradas no tempo verbal do *pluscuamperfecto* e com a presença dos itens dubitativos *probablemente*, *quizá(s)* e *posiblemente*.

5.2 Grupo modalidade *irrealis*

Os resultados para esse grupo, embora não haja sido selecionado, corroboram com nossa expectativa inicial, a qual previa uma correlação de quanto mais certeza epistêmica do falante maior a incidência de indicativo e se menos certeza maior a incidência do subjuntivo.

Adotamos como pressuposto haver um *continuum* da modalidade epistêmica *irrealis*, inerentemente instaurada nos enunciados dubitativos, e a

partir daí propusemos parâmetros para aferir esses valores gradientes da modalidade epistêmica *irrealis* subjacentes aos enunciados. Nesse sentido, foram adotados critérios que culminaram numa escala modal de **certeza 1**, **certeza 2** e **incerteza**, detalhados, a seguir.

Consideramos os parâmetros: *conhecimento do falante sobre o tópico discursivo*, *evidencialidade do evento*, *grau de atividade verbal* e *factualidade*. A partir dos parâmetros estabelecidos, realizamos uma classificação dicotômica desses. Para cada parâmetro há uma marcação considerada positiva, quando encontramos o valor que embasa o julgamento do falante para mais certeza, e há outra negativa, quando não encontramos esse valor que embasa a certeza do falante¹¹. Portanto, para a aferição do grau escalar do *irrealis* epistêmico, estipulamos a seguinte classificação:

Quadro 2: classificação do *continuum* do *irrealis*.

CERTEZA 1	3 ou 4 parâmetros positivos.
CERTEZA 2	2 parâmetros positivos e 2 negativos.
INCERTEZA	0 ou 1 parâmetro positivo.

Fonte: Moreira (2014, p. 114).

Os resultados dessa variável podem ser conferidos, na tabela abaixo:

Tabela 3 – Grupo modalidade *irrealis* - valores percentuais de ocorrência.

Modalidade	Ocorrências subjuntivo		Ocorrências indicativo	
	Total	%	Total	%
Certeza 1	11	9,1	110	90,9
Certeza 2	10	16,7	50	83,3
Incerteza	9	23,7	29	76,3
Total	30	13,7	189	86,3

Fonte: Moreira (2014, p. 138).

Ao observarmos apenas a coluna referente ao subjuntivo, vemos que o valor *certeza 1* mostra-se o menos favorecedor do subjuntivo com um percentual de apenas **9,1%**. O fator *incerteza*, como prevíamos, mostra-se como o maior favorecedor de subjuntivo com **23,7%** e o de *certeza 2*, o intermediário, com **16,7%**. Com relação ao uso do indicativo, os resultados dessa variante são bastante expressivos neste grupo de fatores, com percentuais robustos em torno de 70% a 90% para as modalidades de incerteza e certeza, respectivamente. Aparentemente, se confirma a nossa hipótese de que quanto maior seja a certeza, menor será a ocorrência do subjuntivo. Esses resultados mostram claramente que a dicotomia proposta pela GT espanhola para os modos indicativo e subjuntivo não se aplica às orações independentes com modalizadores dubitativos. Note-se que, do total de 30 ocorrências de orações

dubitativas com a forma subjuntiva, em 21 delas há expressão da modalidade de certeza e 9 de incerteza.

Propusemos esse grupo por concebermos o modo verbal como uma das formas de expressão da modalidade, e não o meio exclusivo, e por supormos que a alternância subjuntivo/indicativo é regida por motivações interligadas de ordem morfosintática, semântica e pragmático-discursivas. Nesse sentido, nos enunciados dubitativos, inerentemente instauradores do *irrealis* (GIVÓN, 1995), a seleção da forma verbal subjuntiva ou indicativa seria uma escolha governada também como estratégia pragmático-discursiva para atingir certo efeito comunicativo no ouvinte (atenuação da mensagem, não-comprometimento com o conteúdo proposicional, índice de matização do julgamento epistêmico, etc.). Vejamos o exemplo abaixo:

(8) *Y que ahorita realmente a lo mejor ESTEMOS PERDIENDO el tiempo ahí porque ya no hay obra. [Inf. 5. Turno: 228].*

(8) E que agorinha realmente **provavelmente** ESTEJAMOS PERDENDO tempo aí porque já não há obra.

No exemplo acima o falante faz um julgamento epistêmico ancorado no presente, e denota, ao longo de sua argumentação, convicção no que diz, tem ciência dos fatos. Culmina sua argumentação na proposição acima com a conclusão: “*porque ya no hay obra*”. Nessa proposição, após análise dos parâmetros de aferição da modalidade no discurso do falante, inferimos que o falante denota *certeza 1* e seleciona o item *a lo mejor*, prototípico de mais certeza. No entanto, embora tenha certeza, ele seleciona o subjuntivo contrariando a prescritividade da GT espanhola e dos trabalhos realizados nesse sentido, denotando que há uma interferência de outra natureza na seleção do subjuntivo que não sintática, mais provavelmente do nível pragmático-discursivo, com isso, o falante ao usar o subjuntivo se distancia da responsabilidade do *dictum*, atribuindo-lhe um caráter de **não-afirmação** nos termos de Klein (1990, p.303)¹².

Buscamos estabelecer que, por trás do aparente caos da variação em enunciados dubitativos, há um padrão em que o valor escalar da modalidade epistêmica *irrealis*, subjacente à proposição, reflete a atitude do falante ante o *dictum* e, desse modo, o uso do modalizador e a escolha da forma verbal estariam, assim, correlacionados ao seu propósito comunicativo, uma vez que a escolha de indicativo ou subjuntivo caracterizaria uma **matização desses valores atitudinais** do falante.

Calvo (1995, p. 192) comenta sobre essa interferência do componente pragmático na seleção dos modos verbais na expressão de um caráter escalar da modalidade:

e se indicativo e subjuntivo matizam graus a partir de um mesmo conceito, o indicativo marca um grau menor sobre a incerteza (ou, o que vem a ser o mesmo, um grau maior sobre a possibilidade).

O autor complementa que as oposições semânticas tradicionalmente atribuídas aos modos não são suficientes quando se trata de estudar a alternância entre os referidos modos. O autor sugere que se deva recorrer a conceitos em um nível superior de abstração, no caso o nível pragmático-discursivo, que permitam não recorrer à parte para abarcar o todo. Isso é o que agora propomos com o uso da modalidade para a compreensão dessa alternância subjuntivo/indicativo. Calvo reitera essa postura dizendo:

Nestes **jogos modais**, pode haver manipulação da referência extralinguística através do significado linguístico de atitude ante a realidade. É um caso a mais, e há muitos de muitas diferentes características nas línguas, de **assimetria entre o significado extralinguístico e o linguístico**, o que é algo perfeitamente codificado porque está na mesma entranha da língua: é um dos fundamentos básicos de sua criatividade e expressividade; assim, ante um fato real e constatado, se pode propor como eventual para potencializar ainda mais a expressividade de toda a sequência complexa (CALVO, 1995, p.192).

Assim, a classificação tradicional dos modos verbais que os correlaciona biunivocamente às noções de certeza, se indicativo, e incerteza, se subjuntivo é insuficiente como foi demonstrado. Faz-se necessária a consideração do componente pragmático-discursivo com vistas a uma melhor descrição e compreensão do uso dos modos verbais.

6. Conclusão

Os resultados nos mostram dois grupos de fatores considerados favorecedores da variante subjuntivo na variável em questão. Quanto aos resultados do grupo *item dubitativo*, observamos claramente que o *a lo mejor* é favorecedor do uso do indicativo, embora mostre um comportamento diferente do previsto pela tradição normativa, apresentou um uso não-categórico do indicativo com um percentual de 7,4% de seleção do subjuntivo e um peso relativo para o uso do subjuntivo de **0.31**. E que *probablemente*, *posiblemente* e o *quizá(s)* mostram-se como favorecedores do subjuntivo, e apresentaram, respectivamente, o peso relativo para uso do subjuntivo de **0.94**, **0.90** e **0.92**.

Quanto à variável *tempos verbais em alternância*, listamos algumas conclusões. Constatamos que todas as ocorrências em que se esperava o *pretérito perfecto de subjuntivo* ocorreram no *pretérito perfecto de indicativo* e no *pretérito indefinido de indicativo*, confirmando-se a generalização desses últimos. Desse modo, além dos valores que originalmente expressam, codificam também os valores reconhecidos pela tradição normativa como preferencialmente codificados pelo *pretérito perfecto de subjuntivo*. Outra constatação dá conta que o *pluscuamperfecto de subjuntivo* quase não se alterna com o *pluscuamperfecto de indicativo*, mostrando apenas um caso de alternância, logo, contexto favorável ao subjuntivo com peso relativo de **0.99**.

Ademais, os resultados demonstram que *o presente* e o *pretérito imperfecto* são contexto propício à alternância subjuntivo/indicativo com prevalência do indicativo, respectivamente, mostram os pesos relativos para uso do subjuntivo de **0.40** e **0.38**.

Em linhas gerais, concluímos que: *i)* Os resultados da atual *análise em tempo aparente* nos fornecem subsídios para uma *análise em tempo real* a fim de constatar o quadro de mudança que se nos apresenta; *ii)* O uso do subjuntivo mostra-se, embora haja alternância nos contextos previstos pela normatividade preferentemente de seu uso, vigente e especializado na comunidade em questão; *iii)* O *a lo mejor* é, disparadamente, o modalizador epistêmico de dúvida mais usado pelos falantes da Cidade do México; *iv)* Há indícios de mudança nos dois sentidos. De uma lado, para o *a lo mejor* tradicionalmente usado e previsto exclusivamente com o indicativo apresenta alternância com o subjuntivo. Por outro lado, os demais modalizadores apresentam quadro de variação, onde o subjuntivo estaria sendo substituído pelo indicativo, denotando cenário de mudança em progresso ou de um quadro final do processo; *v)* Há uma especialização dentro do paradigma dos itens dubitativos uns para mais certeza e seleção do indicativo e outros para menos certeza e seleção do subjuntivo, atuando como *índices de modalização*; *vi)* Faz-se necessário, para melhor discretização dos resultados, uma análise separada para o *a lo mejor* e outra para os demais modalizadores.

Convém destacar que nossos resultados não se alinham à premissa givoniana de que sendo os enunciados dubitativos inerentemente instauradores do *irrealis*, o subjuntivo mais provavelmente apareceria sob essa modalidade (GIVÓN, 1995, p. 124). Baseados na presente análise, propomos que, no espanhol falado da Cidade do México, é mais provável a ocorrência de subjuntivo em enunciados dubitativos cujo julgamento valorativo possua valor escalar do *irrealis* de incerteza epistêmica e com a presença de *probablemente*, *quizás*, e *posiblemente* e esteja ancorado em referências temporais não-factuais, em especial os valores codificados pelo *pluscuamperfecto de subjuntivo*. Ou seja, o subjuntivo se especializou e seu uso implica peculiaridades semântico-pragmáticas apreensíveis na interação comunicativa.

A nosso ver, é factível que as prescrições da GT espanhola para o uso dos modos verbais mostram-se incoerentes com o uso observado na amostra do vernáculo da comunidade de fala em questão. É necessária, na análise linguística, uma concepção de gramática que agregue o componente pragmático, além da importância de se considerar a realidade sociocultural de cada comunidade de fala avaliada, realçando-se a relevância dos estudos sociolinguísticos no sentido de se considerar que, no tratamento de determinada variável, pode haver, para cada realidade extralinguística, um arranjo linguístico diferente, ou seja, padrões de uso dessa variável linguística. Porém, se há de considerar que também podem existir padrões regulares de uso entre comunidades de fala distintas.

Desse modo, um falante pode propor um evento sobre o qual tem total certeza e convicção como possível e como duvidoso de sua ocorrência com vistas a causar certo efeito de sentido na interpretação do ouvinte. Para isso, a classificação tradicional do uso dos modos é insuficiente, sendo necessária uma análise mais abrangente e fidedigna ao vernáculo com a consideração do nível

pragmático-discursivo numa análise que contemple essas relações interativas e dinâmicas inerentes ao processo comunicativo.

8. Referências

- BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- CALVO, M. G. Sobre el modo verbal en español. In: *Anuario de estudios filológicos* (AEF), volumen: XVIII, 1995, p.177 – 203.
- CHUECA, M. P. M. Los adverbios de modalidad. Los adverbios de duda: quizá(s), tal vez, acaso, a lo mejor. In: *red ELE – revista electrónica de didáctica/ Español Lengua Extranjera*. nº 4. 2005.
- COAN, Márluce. *As categorias tempo, aspecto, modalidade e referência na significação dos pretéritos Mais-que-perfeito e Perfeito: correlações entre função(ões) – formas(s) em tempo real e aparente*. 2003. Tese de Doutorado - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.
- DEMELLO, G. Alternancia modal indicativo/subjuntivo con expresiones de posibilidad y probabilidad. *Verba*, University of Iowa, v.22, p.339-361, 1995.
- GIVÓN, T. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 1995.
- _____. *A functional-typological introduction*. v. 1, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1984.
- KLEIN, F. Restricciones pragmáticas sobre la distribución del subjuntivo en español. in: BOSQUE, Ignacio (org.). *Indicativo y Subjuntivo*. Madrid: Taurus, 1990. p. 303 – 314.
- LABOV, W. *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972. [Padrões Sociolinguísticos. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008]
- MOREIRA, Júlio César Lima. *Alternância subjuntivo/indicativo em orações declarativas independentes sob escopo de modalizadores epistêmicos de dúvida*. 2014. Dissertação de Mestrado, 191 fl. Universidade Federal do Ceará.
- MOREIRA, Júlio César Lima. *A aferição da modalidade epistêmica em enunciados sob escopo de advérbios de dúvida*. *Entrepalavras*, Fortaleza - ano 3, v. 3, n. 2, p. 82-101, ago/dez 2013.

NOTAS

¹ Este texto é baseado nos resultados da dissertação intitulada *Alternância subjuntivo/indicativo em orações declarativas independentes sob escopo de modalizadores epistêmicos de dúvida no espanhol da Cidade do México*, de Júlio César Lima Moreira (2014), orientada pela Prof^a D^{ra} Hebe Macedo de Carvalho.

² Mestre em Linguística – Universidade Federal do Ceará; integrante do Grupo de Pesquisas em Sociolinguística (SOCIOLIN-CE/UFC); Professor de Língua Espanhola no Instituto Federal do Piauí, *campus* Cocal.

³ Doutora em Linguística – Universidade Federal do Ceará; Professora do Departamento de Letras Vernáculas/UFC e do Programa de Pós-Graduação em

Linguística (PPGL-UFC); Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Sociolinguística (SOCIOLIN-CE).

⁴ O envelope de variação com a descrição de todos os grupos de fatores está exposto e detalhado em Moreira (2014, p. 95 – 102).

⁵ Explicitada mais detalhadamente em Moreira (2013).

⁶ O leitor perceberá que alternamos a referência ora *orações dubitativas* e ora *enunciados dubitativos*. Tal distinção ocorre por usarmos orações dubitativas quando se ressaltam as relações a nível sintático. Já enunciados dubitativos quando ressaltamos o componente pragmático, considerando não apenas uma construção meramente produto das regras do sistema linguístico, mas sim como ato comunicativo, portanto, produto de restrições internas e externas ao sistema.

⁷ Aqui *dictum* se refere ao conteúdo proposicional, considerando a significação dos itens linguísticos que compõem a sentença em questão desprovida da inferência apreensível do componente pragmático-discursivo. Em enunciados dubitativos trata-se da proposição sob escopo do modalizador.

⁸ Há estudos como o de Carvalho (2007), que denotam exatamente o contrário. Em sua pesquisa, a autora controlou também a variável subjuntivo/indicativo, em seu caso, em orações complexas. Entre as variáveis independentes, controlou a variável *escolaridade* e sua conclusão quanto a essa variável é a de que na comunidade de fala analisada, a do Cariri cearense, falantes com menos escolaridade usam mais o subjuntivo do que os com mais escolaridade. Embora haja esse resultado atestado, optamos por adotar a perspectiva tradicional, uma vez que tratamos de uma comunidade de fala inserida no contexto urbano, geralmente mais propensa a motivações e influências de mudança, por possuir uma rede mais ampla de interações entre si e com outras comunidades de fala.

⁹ disponível em: <http://lef.colmex.mx/Sociolinguistica/CSCM/Corpus.htm>

¹⁰ PRESEEA (Proyecto para el estudio sociolingüístico de español de España y de América). Es un proyecto para la creación de un corpus de lengua española hablada representativo del mundo hispánico en su variedad geográfica y social. Disponible en: <http://preseea.linguas.net/>.

¹¹ Concebemos haver um *continuum* da modalidade epistêmica *irrealis* inerentemente instaurada nos enunciados dubitativos. Propomos parâmetros para aferir esses valores gradientes da modalidade epistêmica *irrealis* os quais podem ser conferidos na seção *aferição da modalidade irrealis*, em Moreira (2014, p. 102-114) e em Moreira (2013).

¹² Klein propõe uma classificação do modo espanhol baseada num critério semântico na qual afirma que o indicativo assinala afirmação e o subjuntivo, não-afirmação. Para ela essa proposta explica tanto os fatores distribucionais (contextos preferenciais de um e outro modo) como os semânticos associados com a diferença no modo em espanhol, em relação com uma generalização particular.